

CAPITULO 10

CONCLUSÕES GÉRAES

A noção do tempo através das idades. — Os aspectos temporaes facilmente apprehendidos e os de tardia aquisição. — O criterio da percentagem de 75. — As conclusões: a evolução lenta do tempo, as aquisições puramente empiricas e as escolares, e as differenças de sexo.

Adoptando o criterio de 75% para a fixação das questões em certa idade, conseguimos acompanhar a evolução da noção de tempo através do desenvolvimento da criança (37).

O quadro abaixo mostra claramente essa evolução:

<i>Noção de tempo</i>	<i>Sexo masc.</i>	<i>Sexo fem.</i>
1 Manhã e tarde	4 annos	5 annos
2 Determinação da idade	4 annos	6 annos
3 Cêdo e tarde	4 annos	6 annos
4 Antes e depois	5 annos	4 annos
5 Hontem-hoje-amanhã	6 annos	6 annos
6 Determinação do tempo social	8 annos	8 annos
7 Presente-passado-futuro	10 annos	—
8 Divisão do tempo (38)	10 annos	—
9 Tempo e espaço	—	—
10 Avaliação chronometrica	—	—

(37) Este criterio foi igualmente adoptado por B. Wettstein em sua investigação sobre a noção de tempo na criança.

(38) A taxa obtida nesse aspecto do tempo foi 74%.

As questões sobre tempo e espaço, assim como sobre o conhecimento do tempo pelo relógio não foram resolvidas correctamente (75%) em nenhuma idade, para os dois sexos. O mesmo aconteceu com as questões sobre o tempo remoto e sobre a divisão do tempo, em relação ao sexo feminino.

CONCLUSÕES

As noções de *manhã* e de *tarde* são adquiridas precocemente, pois desde os 3 anos metade das crianças sabe distinguí-las. Aos 6 anos são perfeitamente constituídas.

★

As noções de *cêdo* e de *tarde*, relacionadas com o nascer do sol, são conhecidas mais ou menos na mesma época da aquisição das noções de *manhã* e de *tarde*. Podemos situar essas noções entre 4 a 6 anos.

★

A continuidade sob a forma de *antes* e *depois* obteve percentagens mais fortes do que as noções de *cêdo* e de *tarde* relacionadas com um ponto fixo — o

nascer do sol. Já entre 4 e 5 annos as crianças conseguiram taxas superiores a 75%.

★

Desde os 3 annos que as nossas crianças teem bem nitida a noção de *hoje*, mas dos 6 a 7 annos é que as percentagens vão alem de 75%.

★

A noção de *hontem* é conhecida menos precocemente do que a de *hoje*, embora já aos 5 annos tenham as crianças conseguido taxas elevadas.

★

A noção de *amanhã* obteve nas primeiras idades percentagens mais fortes do que a de *hontem* e mais fracas do que a de *hoje* — o que vale dizer que a ordem de aquisição dessas noções é a seguinte: *hoje* — *amanhã* — *hontem*.

★

De maneira geral, a determinação do tempo proximo é feita com exactidão apreciavel aos 6 annos.

*

A determinação do tempo remoto — *passado e futuro* — por envolver noções de character mais geral, é conseguida mais tardiamente do que a determinação do tempo proximo. Só aos 7 e 8 annos é que as taxas são mais elevadas.

*

A apreciação da idade é obtida desde cêdo. Entre 4 e 6 annos as taxas foram superiores a 75%.

*

As relações de tempo e espaço não são apreendidas desde logo. Só depois de 8 annos é que as percentagens são apreciaveis sem attingirem entretanto a 75%. Raramente o espaço é avaliado por unidade de tempo.

*

O conhecimento do dia da semana e do dia do mez, do mez, do anno e o da estação dependem da escolaridade. Baixas percentagens foram colhidas nas primeiras idades e só aos 8 annos é que attingiram a pouco mais de 75%.

*

A divisão do tempo em annos, mezes, semanas e dias é feita mais exactamente depois dos 7 annos, por occasião da entrada na escola primaria.

★

O conhecimento das horas, minutos e segundos, assim como a avaliação chronometrica não attingem á taxa estabelecida para cada idade (75%), até os 10 annos. Aos 8 annos é que as percentagens são mais elevadas. De certo a escolaridade influe sobre esse apprendizado.

★

A successão dos dias se acha associada geralmente nas primeiras idades ao movimento dos ponteiros do relógio — o que equivale dizer que a criança interpreta mecanicamente o phenomeno da successão, permanecendo dentro de um dos typos de causalidade de Jean Piaget.

★

No sexo masculino a evolução natural da noção de tempo obedece á seguinte ordem: manhã e tarde, determinação da idade e cedo e tarde (mais ou menos simultaneamente), antes e depois, hontem-hoje-ama-

nhã, determinação do tempo social, presente-passado-futuro, divisão do tempo, relação de tempo e espaço e avaliação chronometrica.

★

No sexo feminino ha ligeira variação para atrazo na evolução natural da noção de tempo (39).

★

A noção de tempo é na criança uma aquisição lenta que se acha condicionada ao desenvolvimento individual e á estractificação da experiencia.

(39) Bertha Wettstein concluiu que «aos 6 annos as meninas estão em ligeiro atrazo em relação aos meninos; aos 7 annos, os dois sexos estão mais ou menos no mesmo nivel; aos 8 annos, as meninas tem um avanço consideravel» — Op. cit.

CAPITULO 11

A EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE TEMPO NA CRIANÇA

Mundo sem perspectiva. — O passado e o futuro não teem significação nas primeiras idades. — O deslocamento e a projecção do tempo. — A prioridade da noção de tempo. — Opiniões de Moine, Rasmussen e Guyau. — O nosso ponto de vista em opposição ao de Guyau. — O futuro é descoberto pela criança antes do passado. — O futuro e a attitude de expectativa. — O tempo e a sua nomenclatura. — Como a criança assignala a sequencia chronologica: observações. — Da confusão á clara definição do tempo. — A hierarchia das noções de espaço e tempo. — Choque das correntes. — Os termos de espaço e os de tempo. — Ordem espacial e ordem temporal.

O mundo representa-se á criança atravez de seus aspectos mais sensiveis. Só o que se acha em primeiro plano, directamente em contacto com os sentidos, chega a seu alcance, até certo momento da evolução mental.

O mundo que a criança vê é um mundo sem perspectiva. Os planos recuados esbatem-se num cinzento que altera toda a realidade e nitidez de contornos. Tudo é presente. O presente é o primeiro plano para os seus sentidos avidos do que é immediato. O passado e o futuro não tem para ella significação; são projecções que ultrapassam as possibilidades de penetração da sua mentalidade ainda primitiva. Para o primeiro teria que utilizar a experiencia; para o segundo, a previsão, isto é, um é reviviscencia, o outro é antecipação. Num caso as potencias mnesicas deslocariam para o quadro presente planos já ausentes; noutro caso a imaginação aproveitaria os dados da experiencia para a construcção de hypotheses plausiveis.

Não é possivel esperarmos da criança, até certo momento, tão grande e rico material. A sua memo-

ria organiza-se lentamente, do immediato para o mediato. É uma estructura feita de superficies, sem profundidade e sem perspectiva. Só mesmo a experiencia irá devagar superpondo camadas afim de serem utilizadas como passado que se revive e como futuro que se prevê. O deslocamento do passado e a projecção do futuro são operações impossiveis nos primeiros annos da infancia.

Qual dessas duas operações tem precedencia? Terá a criança a noção do passado antes do futuro? A questão envolve certamente a existencia de um ponto de referencia e este ponto de referencia é o presente. Não é differente a conclusão que os observadores tem tirado das proprias reacções da criança.

“A criança — escreve V. Moine — é tão pouco capaz de conceber com precisão o tempo que emprega a formula: “*uma vez*” ou ainda “*outro dia*”. Esta lacuna subsiste até a idade de 8 a 9 annos. Depois, com o desenvolvimento da abstracção, forma-se a noção do tempo. A criança chega a conceber lentamente a duração das horas, dos dias, das semanas e dos mezes (40).

Igualmente para W. Rasmussen “a criança da primeira idade não tem do tempo nenhuma noção: ella

(40) V. Moine — La Representacion del mundo historico en el niño de 9 a 12 años. — Enciclopedia de Educacion. — Nos. 1 e 2. — Julho a Dezembro, de 1933. — Mortevidéo.

vive unicamente no presente immediato. Para conceber-se o tempo é preciso simultaneamente poder olhar para atraz, recordando que alguma cousa passou e olhar para o futuro na expectativa de que alguma cousa se passe. Ora, é difficil fixar o momento em que a criança começa a conceber o tempo (41)".

Já Guyau dizia que " a criança e o animal não tem um passado nitidamente opposto ao presente e ao futuro". "A criança confunde o que tem realmente feito, o que teria querido fazer, o que tem visto fazer, o que diz ter feito e o que lhe dizem ter feito. Não ha ordem nem classificação na criança". "O tempo só será constituido quando os objectos forem dispostos sobre uma linha, de forma a dar-lhe apenas uma dimensão: comprimento (42)".

Emquanto não for traçada essa linha puramente abstracta — do passado para o futuro — não existirá na criança o sentido de perspectiva: só haverá presente. Essa representação em plano, accentuada por Guyau, é para a grande maioria dos psychologos o ponto de partida da mentalidade infantil.

Onde Guyau se engana é em julgar essa representação unica do presente na criança como uma consequencia de estranha resonancia das sensações. Na

(41) W. Rasmussen — Op. cit.

(42) M. Guyau — Op. cit.

psyché da criança as sensações teriam permanencia, todas ellas coexistiriam, lutariam umas com as outras. Nesse tumulto de sensações que não se organizaram não poderia penetrar o elemento tempo. Talvez possa ser attribuida ao fraco poder de organização da memoria, e não á coexistencia das sensações, a ausencia do tempo na criança da primeira idade. O que é causa para Guyau seria antes simples effeito da desordem mnesica.

Debtem-se os autores em controversia quanto á questão da precedencia do futuro ou do passado. A philogenese poderia talvez vir em auxilio da ontogenese. Mas para uns o primitivo alcança o futuro antes do passado. A repetição dos phenomenos seria seguramente a base de uma construcção do porvir. Aparecendo os astros constantemente por intervallos, essa cadencia engendraria uma expectativa sempre satisfeita. E ainda o rythmo das funcções organicas no seu continuo succeder viria favorecer essa construcção do futuro.

Outros autores, entretanto, consideram o passado como precedendo o futuro. Esses mesmos phenomenos na sua cadencia e repetição dariam á memoria os elementos de organização necessarios á elaboraçao da idéa do passado. Como se vê, philogeneticamente o ponto de partida ainda é obscuro.

Na criança, a experiencia ensina que é o futuro o tempo que primeiro se organiza. Antes das lembranças apparecerem nitidas como pontos de referencia do passado, a criança projecta-se para o futuro, como o mediato de apprehensão mais facil. O futuro proximo penetra na organização psychica da criança antes de ser possivel a sedimentação das lembranças.

“Guyau — escreve Dwelshauvers — considera o facto biologico, a necessidade, como primario na origem da noção de tempo. Quando essa reacção biologica se torna consciente, apparece como *intenção*, isto é, tendencia para alguma cousa. Esta actividade, que tende para alguma cousa, sob o impulso da necessidade, traduz-se na consciencia pelo que chamamos *futuro*, que não é senão, a principio, o bem que nós desejamos”. “Nós nos representamos em primeiro logar o futuro, pela perspectiva dos esforços que temos de empregar para attingir nosso objectivo”. “O passado é esta perspectiva *retournée*, o activo tornado passivo” (43).

Realmente o futuro proximo vae aos poucos adquirindo valor para a criança. Todas as cousas deverão ser reduzidas ás suas necessidades e aos seus desejos. Entretanto, encontra a criança obstaculos de toda natureza — desde sua impossibilidade physica até os preceitos estabelecidos pelos paes como norma de

(43) M. Guyau — Op. cit.

adaptação á vida social. A formula encontrada então para tranquillizar os impulsos infantís é constituida sempre em termos de futuro: “mais tarde”, “depois”, “quando ficar grande”, “amanhã”, etc.

Geralmente toma a criança uma attitude de expectativa. Aguarda o tempo opportuno para satisfazer os seus impulsos — o que aliás poderá produzir um complexo de inferioridade, de effeito pernicioso para a adaptação á vida (44). Aprende a criança á custa da propria experiencia cheia de constrangimento que o tempo se desdobra e avança. Descobre o futuro como a epoca da liberdade e dos movimentos de satisfação.

E' preciso não esquecer que a criança nem sempre associa a noção de tempo em si á sua nomenclatura. A observação quotidiana nos revela muito bem este facto. Suas phrases relacionadas á idéa de tempo são apparentemente illogicas. Emprega mal as denominações em certo momento de sua evolução. — “Vou a semana passada”, — “Vou hontem”, — são sentenças que indicam o futuro na intenção. A nomenclatura é que é inexacta. Certo pequeno re-preendido por se achar manipulando excremento respondeu promptamente: — “Foi do anno passado” — resposta que revela ignorancia do valor do anno.

(44) A. Adler — Conocimiento del hombre — Trad. — 1931. Madrid.

A W. Rasmussen não passara despercebida essa confusão puramente grammatical. “E’ preciso não confundir a apropriação pela criança das denominações convencionaes dos espaços de tempo com o conhecimento desses mesmos espaços. Com effeito, nada impede que a criança aprenda com as pessoas de seu meio as differentes denominações dos periodos do tempo, as quaes são para ella palavra sem sentido. Por outro lado, a criança pode muito bem adquirir uma noção precisa de um periodo de tempo qualquer sem conhecer a sua denominação convencional” (45).

Ainda Rasmussen se refere á maneira complicada de a criança assignalar a sequencia chronologica dos dias. Tendo R. 4 annos e 7 mezes disse um dia: “quando Karen tiver dormido ainda uma vez ella não irá á escola, mas quando tiver dormido ainda uma vez, então ella irá á escola”. Sabendo R. que sua tia chegaria dois dias depois, observou: “isto quer dizer quando for de manhã e ainda uma vez quando for de manhã”. A criança E. S. com 5 annos indaga da mãe, já no fim das férias: — “Quando eu dormir e acordar é dia de collegio?” A pequena M. A. tendo licença para praticar certo acto no dia seguinte, indagou logo que este dia sobreveio: — “Hoje é amanhã?”

(45) W. Rasmussen — Op. cit.

Essa confusão inicial evidencia-se com as respostas de um menino de 5 annos ao questionario de Wettstein:

- E' de manhã ou de tarde?
- De tarde (eram 10 horas da manhã).
- Você já jantou?
- Já.
- Que comeu você?
- Leite e pão (era seu almoço).
- Que fez você antes da refeição?
- Levantei-me.
- Que fará você quando entrar em casa?
- Ceio e deito-me.

A criança ahí confunde tudo: as horas da manhã e da tarde, o almoço com o jantar e ao mesmo tempo que diz ter jantado affirma que antes da refeição acordara — confusão do jantar com o almoço. A criança M. L., com 3 annos, refere-se a factos antigos ou recentes da seguinte maneira — “De hontem foi assim”.

A pouco e pouco, sae a criança deste estadio de confusão e passa a definir melhor a situação do tempo. Mas é lento esse progresso. Phases successivas irá ella atravessando á semelhança do que aconteceu com os povos primitivos. Foi Troels Lund que tomou como medida da civilização e do desenvolvimento as

concepções de tempo e de espaço (46). Até certo sentido percorre a criança essas mesmas phases de evolução da raça. Emerge ella do chaos primitivo para a clara e logica concepção das relações temporaes e espaciaes, em analogia com a escala cultural a que se refere Troels Lund. Reduz, entretanto, Rasmussen essa analogia a seus traços geraes.

* * *

O problema da precedencia do sentido do espaço ou do tempo e da sua reciproca influencia sempre despertou os mais vivos debates no dominio da pura especulação. Os methodos experimentaes teem entretanto trazido novos elementos ao velho thema dos philosophos. Ainda para os associacionistas e evolucionistas inglezes a percepção da extensão depende da de duração. Igualmente Taine considerava “o tempo como pae do espaço”: o tempo engendraria o espaço. “Os homens quando percorrem um caminho apreciam sua fadiga e a duração do caminho e são esta fadiga e esta duração que constituem o ponto de partida da noção de distancia” (47). Noutra corrente de idéas formam Hering, Stumpf, James, Ward, Fouillée e

(46) Troels Lund — Apud W. Rasmussen — Op. cit.

(47) P. Janet — Op. cit.

Guyau. Para esses se não houver a prioridade da percepção espacial, pelo menos ha “a simultaneidade primitiva das duas representações” (48).

O choque dessas correntes é evidente. Modernamente são innumerous os psychologos que acceitam a prioridade hierarchica da noção de espaço.

H. Delacroix diz claramente: “os psychologos teem notado que na criança a noção de espaço apparece em primeiro logar: a criança sabe orientar-se no espaço, distinguir as principaes relações espaciaes antes de se orientar no tempo: as palavras que distinguem o espaço entram em seu vocabulario antes das que designam o tempo, e quando apparece a distinção do passado e do futuro é ella feita de maneira muito rudimentar; hontem e amanhã significam um passado e um futuro indefinidos” (49).

Nos animaes e na criança desenvolve-se primeiramente a percepção de espaço graças á sua relação íntima com os proprios movimentos executados. São esses elementos motrizes os dados mais proximos da representação espacial. A memoria espacial dirige-lhes desembaraçadamente a acção, mas acção dentro do espaço ambiente. As posições de espaço adquire-as a criança com surpreendente precocidade: o *perto* e

(48) A. Fouillée — Prefacio do livro de Guyau — *La Genèse de l'idée de temps* — 1890 — Paris.

(49) H. Delacroix — *Le langage et la pensée* — 1924 — Paris.

o longe, o dentro e o fóra antecipam o antes e o depois, o cedo e o tarde. As posições de tempo serão notadas mais tarde, explicando-as a criança em termos de espaço. Serão então representadas as imagens de tempo pelas imagens de espaço. A successão dos acontecimentos será construída por series de pontos formando uma linha puramente abstracta.

Emprega Guyau expressões que caíram em desuso: a ordem espacial prende-se ás *presentações*, enquanto que a ordem temporal se acha ligada ás *representações*. A extensão seria um “espectaculo actual e intenso; a duração uma construcção mental de natureza *aperceptiva* (50). Esbatidas a heterogeneidade e differenciação do mundo numa mesma massa e num mesmo plano, permanece a criança fóra do quadro das relações de tempo. Fica-lhe entretanto a ordem espacial com a qual formará pouco a pouco a ordem temporal.

Seria essa a direcção evolutiva na raça. Gatschet considera “as categorias de posição, de situação no espaço e de distancia nas representações dos povos selvagens de uma importancia tão capital quanto as de tempo e de causalidade o são para nós” (51).

(50) Guyau — Op. cit.

(51) Apud Levy-Bruhl — Les fonctions mentales dans les sociétés inferieures — 1922 — Paris.

CAPITULO 12

ONTOGENESE E PHYLOGENESE: NOÇÃO CONFUSA DO TEMPO

A extensão da obra de Levy-Bruhl. — Irreductibilidade aos processos geraes de compreensão. — O valor substantivo da criança: velha e nova psychologia da infancia. — Aproximação das idéas de Stanley Hall e de Freud. — Parallelo historico-evolutivo entre a mentalidade da criança e a do primitivo: Baldwin, Stern, Stanley Hall, Thorndike e Koffka. — Analogia entre o tempo da criança e o do primitivo. — Confusão inicial. — Realidade do passado e do futuro. — A chronologia e o sentido do tempo. — A determinação ao tempo pelas occupações diárias, pelos sóes, pelas divisões naturaes do dia, pelos somnos.

Os estudos sobre a mentalidade primitiva de Levy-Bruhl tiveram a vantagem de esclarecer dominios outros, como o da pathologia mental e o do comportamento da criança. Da sua obra decorre a grande hypothese do antagonismo entre o conteúdo e as formas da mentalidade do primitivo e as reacções geraes de grupos sociaes differentes, moldados por outras concepções collectivas.

Dentro de cada systema social em que são dominantes certas maneiras usuaes de pensar e de agir existem individuos que permanecem inadaptados, irreductiveis aos processos geraes de comprehensão e de comunicação. São as crianças e os alienados. Encontram-se elles fóra da ordem social em qualquer nível de civilização da communitade — o que vem infirmar a noção de que nos agrupamentos primitivos a criança e o adulto estariam na mesma condição de identidade.

Essas idéas sobre o valor substantivo da criança, isto é, suas maneiras proprias de reagir, de imaginar e de explicar vão sendo admittidas pelos psychologos e educadores. Mas nem sempre foi dada á infancia essa autonomia. A velha pedagogia era impregnada

da concepção de que a criança possuía qualitativamente os mesmos caracteres do adulto contemporaneo. Em todas as phases da vida apenas havia a considerar uma differença em grau. Era a concepção da criança considerada como um homem em redução — um *homunculo*. “Resultava dahi — escreve Vermeyleylen — que os antigos se preocupavam menos em conhecer a criança do que em formular regras de educação”. Essa attitude nada tinha de illogica do seu ponto de vista, mesmo porque “as tendencias naturaes da criança, suas maneiras proprias de pensar, de sentir e de agir eram como falhas que deviam desaparecer o mais cêdo possivel para que ella attingisse a categoria do adulto (52)”.

Graças a Rousseau, novo sentido tomaram os educadores. A phrase — “não conhecemos as crianças” — foi um grito de alarme que estimulou uma observação mais imparcial e justa da infancia. Embora o autor do *Emilio* procurasse talvez illustrar a côres vivas a sua doutrina — devemos reconhecer que parte d'elle todo o movimento de estudo da criança. Como todo movimento, o que se inaugurou em torno da criança levou ao extremismo de considerá-la um ser psychico á parte, tendo uma mentalidade *sui generis*.

(52) G. Vermeyleylen — La Psychologie de l'enfant et de l'adolescent, — 1926 — Bruxelles.

Passaram então os mestres a modificar os seus meios de acção, de forma a melhor corresponderem ás características especiaes de cada criança. Desse movimento surgiu a renovação educacional de nossos dias.

Collocando-se em meio termo, modernos psychologos estabelecem a theoria evolutiva da criança. "Ella não é absolutamente uma redução do homem, mas não é estrictamente um ser á parte e estrictamente distincto do adulto de amanhã. E' preferivel considerá-la como um ser em *devenir*, isto é, encará-la não sob o ponto de vista estatico, num momento de sua evolução psychica, mas em seu lento desenvolvimento para a maturidade psychica do adulto. Desde o inicio desta evolução nota-se em todas as suas manifestações psychicas um character humano que lhe dá sua especificidade e assegura a continuidade da especie" (53). Assim possui a criança todas as possibilidades do adulto sob uma forma propria.

Querendo Vermeylen pôr-se em opposição aos psychologos que consideram a criança como um ser intrinsicamente differente do adulto, attribue a este a negação na infancia das qualidades especificas da criança. Mas considerar-se a criança com uma maneira de ser distincta da do adulto não é o mesmo que lhe negar os attributos humanos geraes — o que parece

(53) G. Vermeylen — Op. cit.

evidente. E o proprio Vermeyleen acaba por reconhecer esse valor proprio da infancia quando admite ao acervo das possibilidades infantís “uma forma propria”. Graças a uma lenta evolução é que a criança perderá a sua physionomia particular, ajustando-se ao quadro collectivo.

A theoria evolutiva não modifica o fundo da concepção anterior, apenas lhe alarga o horizonte trazendo a noção de *devenir*. E' claro que a criança não poderia permanecer nos limites de suas possibilidades elementares; estas tenderiam necessariamente para o nivel do grupo social a que ella pertence.

A verdade central é que o nucleo primario da criança está em contraposição com o grau da mentalidade adulta e mais aproximado do esboço primitivo da especie. Onde talvez haja exaggero é no parallelismo rigoroso entre a ontogenese e a phylogenese. E' a these de Stanley Hall: as etapas de desenvolvimento da criança resumiriam as etapas de desenvolvimento da humanidade.

Wallon aproxima essa these da theoria de Freud (54). “Em todo adulto ha como uma dupla natureza: sua natureza de adulto que regula sua conducta e seus pensamentos segundo o que a sociedade exige d'elle e sua natureza infantil, que uma censura vigi-

(54) H. Wallon — La Mentalité primitive et celle de l'enfant. — Revue Philosophique — Nos. 7 e 8 de Julho e Agosto de 1928 — Paris.

lante reduz ao silencio, mas que subsiste sempre prompta a tomar sua *revanche*. Ora, esta *revanche*, é sem duvida a da especie sobre a sociedade, do instincto sobre a ordem moral, mas ella é tambem atravez da criança a do primitivo". "Haveria, pois, entre a criança e o primitivo uma especie de comunidade mental, que se traduziria pela identidade de seus mythos, porque é por imagens e não pelo raciocinio que ambos pensam" (55).

Os estudos de Piaget vêm provar essa semelhança entre a criança e o primitivo, não deixando para Wallon nenhuma duvida sobre aquella identidade. "Resta, entretanto, descobrir por que mecanismo a mentalidade mais recuada da raça reaparece em cada criança" (56).

Depois de estudar as epochas de desenvolvimento da serie animal, Baldwin refere-se á analogia entre esta serie de epochas e a do desenvolvimento da criança. O ser reflexivo, social e moral que é o homem representa uma etapa ultima da evolução. Para Baldwin podemos estabelecer a ontogenese do homem por meio de multiplas observações sobre as crianças (57).

Koffka, tratando do parallelismo historico-evolutivo da mentalidade da criança e do primitivo, trouxe

(55) H. Wallon — Op. cit.

(56) H. Wallon — Op. cit.

(57) J. M. Baldwin — El desenvolvimiento mental en el niño y la raza — Barcelona.

forte contribuição ao assumpto, criticando as varias theorias que o admittem sob aspectos differentes. Primeiramente, sem admittí-la, menciona a concepção de W. Stern. Este psychologo ajusta, etapa por etapa, o desenvolvimento da criança e dos animaes a partir dos mammiferos. Nos primeiros mezes da vida — phase do peito materno, dos actos impulsivos e reflexos — encontra-se a criança no estadio do mammifero; depois com os movimentos de preensão e actividade imitativa, passa ao estadio do macaco. Com a aquisição da marcha e da linguagem, penetra a criança na phase humana. Dahi por diante acompanha a criança, passo a passo, o evolver da humanidade. Integra-se ella no periodo dos povos em estado de natureza nos cinco annos do brinquedo e da phantasia. A partir da entrada na escola, sob a influencia do grupo social, attinge a phase da antiguidade e em seguida, passando pela phase de cultura christã, chega á de cultura moderna, com a puberdade.

Fazendo um balanço das differentes theorias historico-evolutivas, Koffka destaca as da recapitulação, da utilidade e da coincidencia.

Segundo a theoria da recapitulação, baseada na lei biogenetica de Haeckel, o individuo no seu periodo de evolução synthetiza a evolução da especie. Stanley Hall e os partidarios de sua escola tiram todo o partido dessa supposta analogia ontogenica e phylo-

genetica. “Seu methodo — escreve Koffka — consiste essencialmente em analysar formas de conducta de maxima generalidade e em discernir nellas elementos que não são explicaveis como productos de um aprendizado, como acquisições individuaes, mas que apparecem sob forma semelhante nas phases da evolução” (58).

O mêdo nocturno, tão precoce, seria para Stanley Hall uma reminiscencia da epoca em que o homem vivia em pleno estado de natureza, sujeito aos perigos do meio inhospito. Igualmente no brinquedo infantil Stanley Hall encontrou abundante material que veio confirmar a analogia evolutiva do individuo e da especie.

A theoria da utilidade, que tem em Thorndike o seu grande defensor, nega inteiramente a recapitulação da theoria de Stanley Hall. Em logar da lei de recapitulação, como fundamento da analogia do desenvolvimento ontogenico e phylogenico, Thorndike admite os dois principios da variação e da selecção como causas da permanencia de qualidades da especie nos individuos pertencentes á mesma.

“Segundo estes principios — esclarece Koffka — surgem na evolução da especie propriedades que se conservam ou se perdem de novo, e quando as de uma

especie se conservam na ontogenese desta especie o momento de apparecimento de taes propriedades é determinado pelos dois principios de variação e de selecção. Assim apparece o acto de mamar na ontogenese, desde cêdo, e na phylogenese, muito tarde; e inversamente, o impulso sexual apparece cêdo na evolução da especie e tarde na evolução do individuo”(59).

Para a theoria da coincidencia os processos de desenvolvimento da especie e do individuo teem uma estreita correlação. Propriedades universaes deveriam representar um papel importante não só na ontogenese como na phylogenese. Empregando a natureza formas homogeneas para a evolução do individuo e da especie, seria perfeitamente admissivel que todos os periodos iniciaes tivessem semelhanças profundas.

O individuo desenvolver-se-ia partindo das formas mais primitivas e na successão desse desenvolvimento teria em face do meio reacções typicas correspondentes em toda a sua amplitude ás phases de evolução em que se acha.

No labyrintho das theorias, Koffka afinal decide-se pela ultima, visto como repousa esta sobre maior numero de factos enquanto as primeiras são méras hypotheses.

(59) K. Koffka — Op. cit.

As conclusões de Levy-Bruhl vieram tornar mais vivas as linhas desse parallelismo genetico. As formas de pensamento e as reacções em geral do primitivo e da criança cada vez mais se aproximam.

* * *

Certos aspectos da concepção do tempo na criança tem uma curiosa analogia com a do tempo no homem primitivo. Mesmo sem chegar ao excesso de um parallelismo perfeito entre a ontogenese e a phylogenese, não podemos deixar de admittir pontos de contacto entre a mentalidade da criança e a do primitivo.

Em ensaio publicado na revista *Scientia*, sob o titulo "La computation du temps chez les peuples primitifs et l'origine du calendrier" — M. P. Nilsson estuda a avaliação das relações temporaes no alvorecer da mentalidade. Aquelles pontos de contacto que alludimos atrás são evidentes.

Exactamente como na criança na primeira infancia, o primitivo atravessa uma phase de verdadeira confusão no interpretar o tempo. Ha um momento na organização da memoria em que o passado e o futuro tem a mesma realidade que o presente. A conducta do primitivo em relação aos mortos — estudada por Levy-Bruhl, é uma prova dessa confusão (60).

(60) Levy-Bruhl — Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures — 1922 — Paris.

O morto parece-lhe um individuo que ainda existe. Durante muito tempo a mentalidade do primitivo concebe-o como presente, confunde-o com o presente.

Essa realidade attribuida pelo homem primario e pela criança ao passado e ao futuro deriva da confusão inicial. Mais tarde, noutro estadio de desenvolvimento, só o presente é que será a realidade integral;

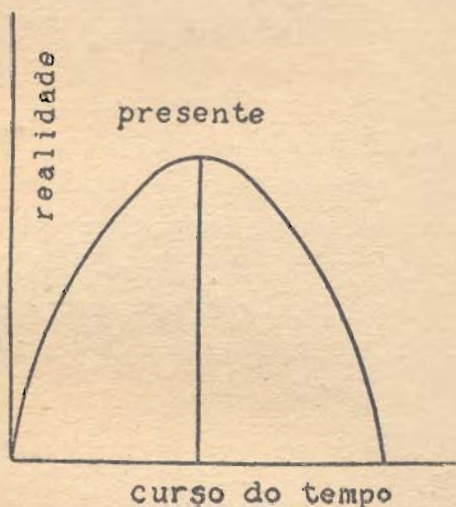


Fig. 34

o futuro proximo e o passado igualmente proximo serão apenas semi-realidades; e o futuro assim como o passado remotos perderão a existencia como realidade.

A fig. 34, imaginada por Pierre Janet, dá-nos claramente a idéa dessa diminuição de realidade a partir

do presente para as direcções oppostas do tempo. A linha da ordenada representa os graus de realidade e a da abcissa o curso do tempo. O presente fica no apice, correspondendo ao maximo de realidade. Na criança e no primitivo, presente, passado e futuro tem a mesma quota de realidade. Em lugar de uma curva encontrando a linha da abcissa teriamos uma recta — realidade unica.

“Seguramente certos acontecimentos tem feito uma impressão sobre a memoria do primitivo, mas só apparecem como silhuetas de um theatro de sombras; falta a perspectiva do tempo e tudo é mergulhado nas brumas da incerteza. Foi a chronologia que primeiro creou a perspectiva do tempo e permittiu dispôr os factos em sua ordem exacta” (61).

A criança começa a representar o tempo pelas variações regulares da luz, trazida pela sequencia chronologica dos dias. “E’ a noite que produz a mais forte impressão na criança, entre outros motivos porque á noite ella deve interromper seus brinquedos para ir deitar-se” (62).

A determinação de tempo nos selvagens é feita pelas occupaões óra domesticas, óra agricolas, óra pastorís. Não ha unidade precisa de tempo. As in-

(61) M. P. Nilsson — La computation du temps chez les peuples primitifs et l’origine du calendrier — Scientia — 1926.

(62) Rasmussen — Op. cit.

dicações do tempo variam segundo as actividades habituaes da communitade. Aliás ainda encontramos remanescente dessa determinação entre as populações do interior. As epochas do plantio, da colheita, da moagem da canna de assucar, ao lado das festas do anno são pontos de referencia para a determinação do tempo na zona rural. Os momentos de accender o fogo, de apagá-lo, de dormir, de comer são para Nils-son indicações inevitaveis entre os primitivos. Na criança os acontecimentos domesticos dão igualmente elementos de representação do tempo. Uma criança observada por Wettstein á pergunta: “quando você se deita para dormir? — respondeu: “quando papae entra”. Uma outra respondeu á pergunta: “quando você entra na escola?” — da seguinte maneira: “Mamãe me acompanha, então é a hora”.

Contar os dias pelos sóes, pelas divisões naturaes — aurora e crepusculo — ou pelos somnos são formas de avaliação communs entre os povos primitivos. Os negros chegam mesmo a indicar a posição no ceu que o sol tem occupado ou occupará por occasião de um certo acontecimento.

Paul Giran refere-se ao facto das divisões do tempo terem sua personalidade propria entre os primitivos. O calendario anamita aconselha o que cada um deve fazer segundo os mezes ou os dias (63). É

(63) Paul Giran — Les origines de la pensée — 1923 — Paris.

frequente na criança a contagem do tempo pelas noites ou pelos somnos. Vimos como a criança observada por Rasmussen se referia ao despertar e aos somnos para calcular um certo dia que desejava mencionar. A nossa observação diária permite assegurar a frequência da medida do tempo por meio das vezes que é preciso dormir ou despertar.

O dia de 24 horas foi uma aquisição tardia na evolução humana. Nilsson prova este facto com a ausencia de uma expressão propria para designação dessa unidade de tempo, nas linguas em geral: uma mesma palavra significa as 12 horas de claridade e as 24 horas da rotação. A criança difficilmente apprehende a noção de dia de 24 horas.

Essa analogia de representação e de medida do tempo entre o primitivo e a criança de certo não será um facto sem significação.